



<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>



Macroprojeto Bio-Tanato-Educação: Interfaces Formativas
Projeto de Criação e Editoração do Periódico Científico Revista Metáfora Educacional
(ISSN 1809-2705) – versão on-line
Grupo de Pesquisa Bio-Tanato-Educação: Interfaces Formativas
Autoria: Prof.^a Dra. Valdecí dos Santos

Revista indexada em:

NACIONAL

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES / Ministério de Educação (Brasil) - **Qualis 2013** (atualizado em 27/set./2015): Ciências Biológicas: Ciências Biológicas II (**C**), Ciências Humanas: História (**B4**), Ciências Humanas: Psicologia (**B4**), Ciências Humanas: Educação (**B4**), Linguística, Letras e Artes: Letras/Linguística (**C**), Multidisciplinar: Ensino (**B2**) -

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>

GeoDados - <http://geodados.pg.utfpr.edu.br>

INTERNACIONAL

CREFAL (Centro de Cooperación Regional para la Educación de los Adultos en América Latina y el Caribe) - <http://www.crefal.edu.mx>

DIALNET (Universidad de La Rioja) - <http://dialnet.unirioja.es>

GOOGLE SCHOLAR – <http://scholar.google.com.br>

IRESE (Índice de Revistas de Educación Superior e Investigación Educativa. Base de Datos sobre Educación Iberoamericana) - <http://iresie.unam.mx>

LATINDEX (Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal) - <http://www.latindex.unam.mx>

REBIUN (Red de Bibliotecas Universitarias Españolas) - <http://www.rebiun.org>

n. 20 (jan. - jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Artigo recebido em 28/fev./2016. Aceito para publicação em 28/maio/2016. Publicado em 25/jun./2016.

Como citar o artigo:

CARDOSO, Jusceli Maria Oliveira de Carvalho; *et al.* Língua brasileira de sinais e o empoderamento de mulheres surdas no território do sisal. **Revista Metáfora Educacional** (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*. Editora Dra. Valdeci dos Santos. Feira de Santana – Bahia (Brasil), n. 20 (jan. – jun. 2016), 25 jun. 2016, p. 101-133. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>>. Acesso em: DIA mês ANO.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS E O EMPODERAMENTO DE MULHERES SURDAS NO TERRITÓRIO DO SISAL*

SIGNS BRAZILIAN LANGUAGE AND DEAF WOMEN EMPOWERMENT IN TERRITORIES SISAL

Jusceli Maria Oliveira de Carvalho Cardoso

Mestre em Educação Especial pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS – BR 

Docente da Universidade do Estado da Bahia - UNEB – BR 

Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidad Internacional Tres Fronteras –

UNINTER – PY 

E-mail: jcardoso_02@hotmail.com

Márcia Raimunda de Jesus Moreira da Silva

Mestra em Educação pela Université du Québec à Chicoutimi 

Analista Universitária Universidade do Estado da Bahia - UNEB – BR 

Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidad Internacional Tres Fronteras –

UNINTER – PY 

E-mail: marajesu@gmail.com

Adalberto Aleixo Teixeira

Mestre em Execução Musical pela Universidade Federal da Bahia – UFBA – BR 

Docente da Escola de Música da Universidade Federal do Pará – UFPA BR 

Doutorando em Ciências da Educação pela Universidad Internacional Tres Fronteras –

UNINTER – PY 

E-mail: adalbertoap@yahoo.com.br

Antônio de Pádua Araújo Batista

Mestre em Execução Musical pela Universidade Federal do Pará – UFPA - BR 

Docente da Escola de Música da Universidade Federal do Pará – UFPA – BR 

Doutorando em Ciências da Educação pela Universidad Internacional Tres Fronteras –

UNINTER – PY 

E-mail: bompadua@hotmail.com

RESUMO

Trata-se de um artigo produzido a partir de uma pesquisa de cunho qualitativo, efetivada no ano de 2015, contextualizada em três municípios integrantes do Território do Sisal baiano, cuja temática central foi a questão da aquisição da Libras (Língua Brasileira de Sinais) e as possíveis

*Artigo produzido como atividade avaliativa final do Componente curricular Publicação Científica do Programa de Doutorado em Ciências da Educação da UNINTER, ministrado pela Prof.^a Dra. Ana Gonzales Chena, na Ciudad de Asunción, 2016.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

contribuições para o processo de empoderamento de mulheres surdas. A problemática que provou a pesquisa foi: A aquisição da Libras contribui para o processo de empoderamento das mulheres surdas atendidas por instituições ações/Projetos de atendimento educacional especializado, no cenário do Território do Sisal baiano. O estudo objetivou: analisar as concepções dos sujeitos sobre deficiência e surdez e evidenciar os principais impactos gerados pela aprendizagem da Libras no que tange ao processo de empoderamento das mulheres. A pesquisa se configurou como descritiva, de concepção colaborativa, tendo sido feitos trabalhos empíricos. Na coleta de dados utilizamos como técnicas a entrevista e o grupo focal, tendo como participantes quatro educadoras e 15 mulheres surdas atendidas por projetos de natureza sócio educativa e de difusão do ensino da Libras. Em linhas gerais, o estudo possibilitou conhecer de maneira mais apurada a realidade sócio educacional das mulheres demonstrando que a aprendizagem da Libras tem de fato favorecido a inclusão e o processo de empoderamento de mulheres surdas.

Palavras-chave: Libras. Empoderamento. Mulheres surdas. Inclusão.

ABSTRACT

This is an article produced from a qualitative research, made in 2015, contextualized in three municipalities member of the Bahia Sisal Territory, whose central theme was the question of the acquisition of Signal Language Brazilian (Libras) and possible contributions to the process empowerment of deaf women. The problem that proved the research was: The acquisition of pounds contributes to the process of empowerment of deaf women attended by institutions actions / specialized education projects in the Territory of the scenario of Bahia Sisal? The study aimed to assess the views of individuals on disability and deafness and highlight the main impacts generated by learning Pounds with regard to women's empowerment process. The research was configured as descriptive, collaborative design, having been made empirical work. Data collection techniques used to interview and focus group participants as having four teachers and 15 deaf women attended by project partner educational nature and Pounds teaching broadcast. In general, the study enabled to know more accurate way the reality educational partner of women demonstrating that learning Pounds has indeed favored the inclusion and empowerment process of deaf women.

Key-words: Pounds. Libras. Empowerment. Deafwomen. Inclusion.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo das trajetórias profissionais como educadores e pesquisadores, atuando na educação superior, nos propomos a conhecer a realidade de mulheres surdas que habitam no

CARDOSO, Jusceli Maria Oliveira de Carvalho; *et al.* Língua brasileira de sinais e o empoderamento de mulheres surdas no território do sisal.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Território de Identidade do Sisal baiano e, assim realizamos estudos exploratórios e descritivos no âmbito da educação especial com enfoque inclusivo.

Entre vários temas, especial interesse temos dedicado aos estudos sobre a surdez, a identidade, cultura dos povos surdos, as interfaces estabelecidas entre o processo de ensino e aprendizagem da Libras - Língua Brasileira de Sinais e os processos de inclusão e o empoderamento das mulheres surdas, contando com a participação de estudantes do curso de Pedagogia, especificamente na disciplina Libras e de professores das redes pública de educação que integram o Projeto de Extensão de Libras EAD, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, na perspectiva de uma pesquisa colaborativa.

As parcerias dessas duas perspectivas formativas, tanto o componente curricular Libras EAD quanto o curso de formação de professores em Libras, ambos operacionalizados no âmbito da Universidade do Estado da Bahia, possibilitaram a realização da pesquisa efetivada. Assim, a imersão na área da educação e formação de professores para a inclusão se inicia com o desafio de efetivar um trabalho diferenciado na execução do Projeto da disciplina de Libras na modalidade de educação à distância (EAD), no âmbito da Universidade do Estado da Bahia, UNEB com o desenho semipresencial, com início no ano de 2010.

Ao longo dos anos, as ações formativas propostas e executadas pelo Projeto Libras na modalidade semipresencial, foram se aprimorando, tendo um conjunto complexo de atividades realizadas no ambiente virtual de aprendizagem (AVA) e presenciais. No decorrer do processo de ensino e aprendizagem da Libras, emergiu a necessidade por um conhecimento mais sólido, concreto, acerca da realidade dos sujeitos sobre os quais se dialogava, com a proposta de estudos empíricos sobre a situação vivenciada pelo povo surdo, no âmbito do Território do Sisal Baiano, especificamente na localidade onde se encontra inserido o Departamento de Educação Campus XI, na cidade de Serrinha e municípios circunvizinhos.

Tal território de identidade chama-se Polo do Sisal e assim é denominado em decorrência do plantio e exploração de uma planta conhecida cientificamente como *Agave sisalana*, popularmente, o sisal. O território do Sisal é composto por vinte municípios: Araci, Barrocas, Biritinga, Cardeal, Cansanção, Conceição do Coité, Ichú, Itiúba, Lamarão, Monte Santo, Nordestina, Queimadas, Quijingue, Retirolândia, Santa Luz, São Domingos, Serrinha, Teofilândia, Tucano e Valente e está situado na Região Sisaleira, no semiárido da Bahia com uma população de 582.165 habitantes. Além das atividades de exploração do sisal, que enfrentou



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

um período de decadência após os anos 70, e das pedreiras, a base econômica é a pecuária extensiva e a agricultura familiar de subsistência, sujeita a longos períodos de seca que ciclicamente atingem a região, agravando os problemas sociais (CODES, 2016).

As investigações empíricas foram efetivadas por estudantes da disciplina de Libras na modalidade semipresencial, juntamente com os professores participantes do Projeto de Extensão de Formação de Professores em Libras, nas diversas localidades integrantes do Território do Sisal. A partir da pesquisa efetivada, derivou-se a construção de muitos trabalhos de Conclusão de Cursos, nestes últimos anos, por alunos graduandos do curso de Pedagogia. A maioria dos trabalhos, no formato de monografias, tematizaram sobre a educação especial, educação inclusiva, o ensino da Libras e outros se direcionaram a investigar a situação dos surdos na sociedade e nos processos anunciados pelas políticas públicas quanto à inclusão na rede pública de ensino.

Neste sentido, diante do nosso percurso acadêmico na área da educação especial, e o contexto dos trabalhos no componente curricular Libras, temos nos inquietado com algumas indagações as quais consubstanciam o seguinte problema mobilizador da pesquisa que efetivamos: A aquisição da Libras contribui para o processo de empoderamento das mulheres surdas atendidas por instituições ações/Projetos de atendimento educacional especializado, no cenário do Território do Sisal baiano?

Diante de tal questionamento, elegemos os objetivos norteadores da pesquisa efetivada no ano de 2015, período em que também, estamos imersos no Programa de Doutorado em Ciências da Educação da Universidade Internacional Três Fronteiras, UNINTER – Paraguai, com sede na cidade de Assunção.

Foram então os objetivos da pesquisa efetivada: a) analisar as concepções dos sujeitos sobre deficiência; b) evidenciar os principais impactos gerados pela aprendizagem da Libras no que tange ao processo de empoderamento das mulheres.

O estudo se configurou como de abordagem qualitativa, utilizando-nos de entrevistas (com participação de intérprete de Libras) a quinze mulheres surdas das Instituições sócioeducativas onde as mulheres são atendidas, sobretudo sob o ponto de vista educacional. Assim, foram selecionadas quatro instituições específicas, situadas em três municípios distintos: Biritinga, Serrinha, Araci, municípios onde se destacam projetos públicos na oferta do AEE - Atendimento Educacional Especializado na área da surdez.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Justamente, em janeiro do ano de 2016, por ocasião dos estudos doutorais, efetivados na cidade de Assunção, no componente curricular Publicação de Artigo Científico, coordenados pela Doutora Ana Chena, docente do Programa de Doutorado em Ciências da Educação da Universidad Internacional Tres Fronteras - UNINTER, tivemos a oportunidade de aprimorar conhecimentos técnicos sobre produção científica e fomos desafiados a tecer, a quatro mãos, o presente artigo, como uma produção colaborativa refletindo sobre os dados coletados nas atividades de campo.

Tal atividade proposta pelo programa de Doutorado se converteu em um amplo desafio traduzido pelo esforço de pensarmos, sob vários ângulos, a partir de vários olhares sobre os dados que haviam sido coletados em face dos objetivos do estudo.

Assim, conseguimos refletir, analisar, discutir cientificamente os dados e concluir que os resultados deste estudo poderão oferecer subsídios para outros trabalhos educacionais, inspirando mulheres surdas, educadores e pesquisadores a constituírem grupos e linhas de investigações que continuem a estudar a temática do empoderamento feminino, com ênfase na situação das mulheres surdas habitantes do contexto do território do Sisal baiano.

2 UMA BREVE REFLEXÃO TEÓRICA

Muito tem se discutido, e com tamanho entusiasmo sobre a inclusão das pessoas surdas, levando-se o debate a confrontos de posições teóricas e ideológicas. Entretanto, em meio a tanto barulho, a voz das mulheres surdas continua sendo silenciada, quando na maioria dos trabalhos e estudos publicados se ouve o docente, o poder público olvidando-se o espaço da surda em dizer o que pensa da/na sociedade.

Com a mobilização social do povo surdo do Brasil, muitas questões começam a ser anunciadas em termos das políticas públicas de inclusão e trabalho para as surdas. O que de fato vem se concretizando no bojo de ações rumo ao que se instituiu como empoderamento feminino.

Segundo Lisboa (2008):



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Empoderamento na perspectiva feminista é um poder que afirma, reconhece e valoriza as mulheres; é pré-condição para obter a igualdade entre homens e mulheres; representa um desafio às relações patriarcais, em especial dentro da família, ao poder dominante do homem e a manutenção dos seus privilégios de gênero. Implica a alteração radical dos processos e das estruturas que reproduzem a posição subalterna da mulher como gênero; significa uma mudança na dominação tradicional dos homens sobre as mulheres, garantindo-lhes a autonomia no que se refere ao controle dos seus corpos, da sua sexualidade, do seu direito de ir e vir, bem como um rechaço ao abuso físico e as violações. (LISBOA, 2008, p.2)

107

Neste estudo, visando fortalecer o conceito abordado sobre empoderamento contamos com autores como Lisboa (2008), Friedman (1996), Vilacorta (2002) entre outros no sentido em que, o termo oriundo da Língua Inglesa significa uma ação de força coletiva operacionalizada pelos indivíduos quando participam de espaços de decisões, de consciência social dos direitos sociais.

A constituição do empoderamento feminino, apesar de necessária e inicialmente ser ato individual de tomada de consciência do poder que se pode constituir com a mobilidade e luta individual ultrapassa a individualidade no sentido em que a solidificação do conhecimento opera na e para a superação de uma realidade em que se encontra também um coletivo de sujeitos.

Sendo assim, o empoderamento possibilita a aquisição da emancipação individual e coletiva necessária para a superação da dependência social e dominação política. O empoderamento devolve poder e dignidade a quem desejar o estatuto de cidadania, e principalmente a liberdade de decidir e controlar seu próprio destino com responsabilidade e respeito ao outro.

Considerando o conceito de empoderamento tal como definem os autores anteriormente citados, no âmbito do escopo teórico, ponderamos sobre as relações que se estabelecem entre a aquisição da Libras e o processo de apropriação do poder pelas mulheres, como estas fazem uso da língua de sinais dentro do contexto de lutas pela consolidação da cidadania.

Segundo Friedman (1996), empoderamento pode ser definido como: “[...] Todo acréscimo de poder que, induzido ou conquistado, permite aos indivíduos ou unidades familiares aumentarem a eficácia do seu exercício de cidadania” (FRIEDMAN, 1996, p.8).

Lisboa (2008) complementa as reflexões sobre empoderamento tecidas por Friedman (1996) discorrendo e caracterizando os seus três tipos básicos:



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Ele aponta três tipos de empoderamento, importantes para as unidades domésticas: o social, o político e o psicológico. O social refere-se ao acesso a certas “bases” de produção doméstica, tais como informação, conhecimento e técnicas, e recursos financeiros. Prevê o acesso à instituições e serviços e capacidade de influência à nível público. O político diz respeito ao processo pelo qual são tomadas as decisões; não é apenas o poder de votar, mas, principalmente, o poder da voz e da ação coletiva que importa; significa maior participação no âmbito político inclusive o acesso a ocupar cargos de representação e direção. O psicológico ou pessoal inicia com o despertar da consciência em relação à sua autonomia e desenvolvimento pessoal; envolve autoestima e autoconfiança; ter controle sobre a sua própria sexualidade, sobre a reprodução e sobre a sua segurança pessoal; decorre da consciência individual de força (LISBOA, 2008, p.3).

108

Ademais, quando se fala sobre o processo de empoderamento feminino, torna-se crucial debatermos mais sobre o processo de inclusão do surdo. Isso implica em examinar o significado do termo incluir e as diversas posições que se derivam deste ato. Muitas instituições têm anunciado que estão no caminho da inclusão. Neste sentido, devemos ponderar que o movimento para inclusão principia dentro dos sujeitos, na mudança de suas concepções, seus pensamentos que derivarão ações empenhadas na inclusão.

Sobre a ideia da inclusão sócioeducacional das pessoas com algum tipo de deficiência, anunciada e defendida pelo poder público em um número expressivo de normas, resoluções e leis específicas, como o recém publicado Estatuto da Pessoa com deficiência, cabe uma reflexão mais aprofundada sobre o que de fato se configura a sociedade inclusiva. Neste sentido, vamos encontrar aportes em Macedo:

Sociedade inclusiva, escolas inclusivas, currículos inclusivos, pedagogias inclusivas, didáticas inclusivas são categorias que legitimam por dizerem muito mais de um sistema que se dinamiza na injustiça social, sem que se toque de forma radical nas usinas das iniquidades, aliadas aos mecanismos do liberalismo historicamente descomprometido com condições sociais igualitárias (MACEDO, 2007, p. 158).

Ainda tomando as reflexões de Macedo:



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Nesta perspectiva, sem derrotar as lógicas de exclusão capitalista, muitas políticas de afirmação dificilmente experimentarão êxito que em geral prometem. O que presenciamos é que muitas vezes, essas políticas satisfazem-se preocupantemente com ganhos parcializados sem qualquer significado de exercício de cidadania socialmente dignificante [...] (MACEDO, 2007, p.160).

Neste sentido cabe mais uma reflexão em termos da inclusão escolar do surdo usando a fala de Strobel:

109

A história do povo surdo mostra que por muitos séculos de existência, a pedagogia, as políticas e muitos outros aspectos próprios têm sido elaborados sempre sob uma perspectiva dos ouvintes e não dos surdos que, quase sempre, são ignorados e desvalorizados como sujeitos e profissionais que podem contribuir a partir de suas capacidades inerentes e de sua diferença: a de ser surdo. Desta maneira, a ‘inclusão’ de sujeitos surdos nas escolas, tendo-se a língua portuguesa como principal forma de comunicação, faz-nos questionar se a inclusão significa integrar o surdo realmente. Na verdade, a palavra correta para as experiências desenvolvidas não é ‘inclusão’, e sim uma forçada ‘*adaptação*’ com a situação do dia a dia dentro de sala de aula (STROBEL, 2006, p.243).

Assim, torna-se evidente que pensemos de fato sobre os lugares ocupados pelas mulheres surdas em nossos espaços sociais, ou o que de fato se tem oferecido a elas, no que tange a real situação e construção do sentimento de pertença ou mesmo de mobilidade em seus direitos sociais.

Segundo Lisboa (2008)

Nas últimas décadas, constata-se que a exclusão social e a pobreza absoluta tem aumentado no Brasil e na América Latina e o predomínio de mulheres entre os pobres é consequência do desigual acesso feminino às oportunidades econômicas e sociais. O ano de 2005 marca o décimo aniversário da Conferência Mundial de Pequim sobre as mulheres e traz foco e energia renovados aos esforços para o empoderamento das mulheres (p.5).

Assim a busca pelo empoderamento de mulheres surdas, não se traduz apenas em atos de assistencialismo. Perpassa pela edificação de ações, de elaboração e acessibilização a políticas

CARDOSO, Jusceli Maria Oliveira de Carvalho; *et al.* Língua brasileira de sinais e o empoderamento de mulheres surdas no território do sisal.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

públicas que se voltem às muitas realidades de mulheres, que por diversos motivos, estão em condições de vulnerabilidade social.

Empoderar mulheres surdas trata-se de um processo sócio educativo, onde o acesso a língua, no sentido amplo, social, obviamente se converte em um caminho a trilhar. Em muitos casos, aprender a Libras, poder ser um caminho fértil para que as mulheres se percebam e se constituam em autoras das suas caminhadas e das suas conquistas.

A condição do silêncio em que são colocadas, pela surdez e pelo fato de serem mulheres-surdas precisa ser refletida amplamente no seio da sociedade. Entretanto, há de certo modo, uma urgência de ações efetivas e da criação de redes de atenção a mulher, sobretudo pelo viés educativo.

Quando abordamos o processo de empoderamento de mulheres surdas pelo caminho da educação, não estamos apenas falando em abrir os portões da escola para a entrada delas. É urgente que as escolas se redefinam como uma estrutura em rede, conectada a vários outros serviços e órgãos para assegurar às mulheres surdas, o direito de aprender. É preciso garantir aos não ouvintes o seu lugar de direito na sociedade de modo amplo onde surdo e ouvinte possam interagir e solidariamente construir os conhecimentos necessários a própria humanização dos seres.

3 SOBRE A SURDEZ E A LIBRAS

Em grande medida, e quase sempre, a palavra “surdo” para o senso comum possui significado de deficiência e incapacidade. O que de fato é um erro, pois a condição da surdez não significa incapacidade ou mesmo menosvalia, podendo haver também confusões teóricas sobre a surdez em si.

Torna-se evidente, a necessidade de examinarmos o conceito da surdez, atentos, agora a educação, pois longe estão os dias em que o surdo era considerado como incapaz de aprender. Muitos trabalhos, estudos, e debates, sobretudo mobilizados pelas comunidades surdas no Brasil, têm inspirado a sociedade para mudança de concepções e práticas em face da surdez e do surdo.

Ao fazermos uma revisão na literatura mais específica, sobre as concepções construídas historicamente em relação a condição da surdez, iremos perceber que ao longo dos tempos vários

CARDOSO, Jusceli Maria Oliveira de Carvalho; *et al.* Língua brasileira de sinais e o empoderamento de mulheres surdas no território do sisal.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

paradigmas foram sendo rompidos em termos da superação da ideia clínica, corretiva da surdez em que se defendida o ideal da “correção do defeito” para que assim o surdo pudesse interagir na sociedade. Tal visão clínica, corretiva da surdez, perdurou e continua ainda a se configurar como perspectiva para nortear práticas corretivas, terapêuticas da condição do ser surdo.

Outra perspectiva edificada para analisar e atuar frente à condição da surdez percebia e reconhecia as necessidades específicas do surdo e passa-se a prever e operar as ditas condutas assistencialistas. Entretanto, com a mobilidade teórica, edificaram-se posturas antagônicas as perspectivas anteriores, num movimento de ruptura paradigmática, em termos das concepções sobre o fenômeno da deficiência, sobretudo a partir dos estudos científicos edificados por Lev. S. Vygotsky.

O pensamento Vygotskiano (1989) vem contribuir em seus estudos intitulados como “Defectologia” para a aceitação de novas formas de conceber o estado da surdez, não mais como condição de deficiência, mas sim como condição que demarca o fenômeno da diversidade humana.

Assim inspirados por novos pensamentos teóricos e movimentos sociais organizados, cada vez mais, as leis, políticas públicas e a sociedade civil organizada, através do movimento surdo, que prega a cultura e a identidade surda, tem levantado a bandeira da Libras como língua primeira dos povos surdos no Brasil, portanto, torna-se condição necessária a todo educador a aproximação com tal língua, pois a surdez e os sujeitos surdos estão nas escolas, nas ruas, na vida, são pessoas que tem todo um sistema de comunicação específico, singular pela exposição viso espacial e de organização quirológica.

A Libras tornou-se oficial mediante a Lei n. 10.436 em 24 de abril de 2002. Foi regulamentada pelo Decreto n. 5.626 de 23 de dezembro de 2005 que tornou o ensino de Libras como sendo obrigatório nos cursos de formação de professores como também nos cursos de Pedagogia, Fonoaudiologia, Educação especial e Letras, ampliando a inclusão nas licenciaturas, sendo optativos nos demais cursos de educação superior.

A Libras é formada por componentes específicos, constituindo-se num sistema linguístico complexo e se traduz como uma língua de natureza viso espacial. Portanto, sendo uma língua, possui gramática própria, com sintaxe, semântica entre outros que juntos possibilitam o desenvolvimento da comunicação e das interações sociais entre os usuários.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Sendo uma língua natural para grande parte dos surdos, possibilita além das interações o desenvolvimento cognitivo do sujeito surdo, pois a partir da aquisição da Libras o surdo terá oportunidade de interagir com o mundo exterior, experimentar e ampliar o contato com o mundo externo e social, permeado pela língua portuguesa escrita, numa perspectiva bilíngue, o que a institui como uma língua completa demandando prática para seu aprendizado.

Segundo Rosa e Bento (2010)

As línguas de sinais são atualmente consideradas pela linguística como línguas naturalmente constituídas num sistema linguístico e não mais como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem. Mas apenas nas últimas décadas vêm sendo desenvolvidas pesquisas sobre surdez a partir do ponto de vista de uma comunidade linguística diferente, pertencente a uma modalidade de língua visoespacial (p 14).

As línguas são consideradas naturais quando são inerentes das comunidades onde estão inseridos os sujeitos usuários tendo como característica marcante o fato de serem o meio espontâneo de comunicação entre os sujeitos. As línguas ditas naturais têm também como traço característico o fato de serem adquiridas pelas interações e através do convívio social estabelecido entre os usuários.

No caso da Libras, sendo percebida e reconhecida pelo surdo como primeira Língua (ou Língua Materna), a comunicação fluirá naturalmente entre os usuários surdos, num processo de trocas, partilhas e aprendizagens colaborativas, onde por força da identidade chamada de “surda” os usuários da Libras vão também fortalecendo a cultura surda.

Portanto, um fato que devemos lembrar sempre é de que, existem e coexistem diversas identidades entre os surdos. Há surdos que não desejam aprender Libras como primeira língua e preferem a oralidade e as técnicas de reabilitação da fala oral. Entretanto, no outro lado, há os surdos que se reconhecem a partir da Libras e adotam tal língua como natural e como materna, aprendendo-a, difundindo-a e a partir da qual edificam a identidade surda e bilíngue.

Nas ideias de Gesser (2009, p. 12) “[...] Em qualquer lugar em que haja surdos interagindo, haverá línguas de sinais.” Outra peculiaridade da Libras, é de ser regida por regras como apontam Rosa e Bento (2010):



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Configuração das mãos (CM) - são formas das mãos e que podem ser da datilologia (alfabeto manual) ou demais formas feitas manualmente; **Locação ou Ponto de articulação (PA)** - lugar onde incide a mão configurada, podendo, até mesmo, tocar parte do corpo ou estar em um espaço neutro vertical; **Movimento (M)** - os sinais podem ter um movimento ou não, para indicar a sua informação; **Orientação/direcionalidade (Or)** - os sinais possuem uma direção, relacionados com os demais parâmetros; e **Expressão não manual (ENM)** – extremamente importante para a compreensão da mensagem, pois serve como diferenciador, atuando como complemento dos sinais manuais, a fim de se ter maior entendimento da informação a ser passada (p.26).

113

Sendo assim, evidencia-se a urgência e importância dos grupos sociais organizados fomentarem ações e cursos de formação de professores e outros agentes sociais/multiplicadores na difusão da Libras para garantir o acesso das pessoas surdas aos estudos iniciais da Libras em face de termos práxis educativas voltadas para a diversidade e aprendizagem de todos na escola regular e na sociedade que almejamos inclusiva.

4 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA: A PERSPECTIVA E A OPERACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA PELO TRAÇADO COLABORATIVO

Para efetivação de uma pesquisa, o planejamento sistemático do percurso metodológico é condição necessária, uma vez que o sucesso do estudo científico está diretamente ligado a capacidade de antever, prever detalhadamente cada etapa constitutiva dos procedimentos a serem tomados.

O planejamento se inicia com a opção pela abordagem do estudo, que neste caso, se pauta pelo enfoque qualitativo, uma vez que, o objeto e contexto do estudo, demandam do pesquisador uma posição pautada na postura descritiva, analítica e heurística.

Além do mais, a abordagem qualitativa está alicerçada na perspectiva epistemológica da Fenomenologia e nos paradigmas do compreender e buscar interpretar a realidade em estudo, em face de estabelecer um olhar mais apurado, sensível, hermenêutico, da realidade, sobretudo humana que se edifica numa teia da ordem da complexidade dos fenômenos, depreendendo então daí a essência fenomenológica da investigação.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Uma vez que, buscamos dialogar com as possíveis interfaces entre aprendizagem da Libras e o processo de empoderamento de mulheres surdas, dando voz as atrizes sociais dos contextos em estudo, cremos na coerência e pertinência da ancoragem da pesquisa pelo enfoque qualitativo

Desta forma a abordagem qualitativa se constituiu como perspectiva coerente para nortear o estudo sendo que, abrange muitos aspectos, inclusive os subjetivos os quais, na abordagem quantitativa, na maioria das vezes, não são contemplados, pois, tal perspectiva enfatiza os dados mensuráveis, quantificáveis a partir de recursos e técnicas predominantemente estatísticos.

Segundo Bogdan e Biklen,

há algumas características básicas que orientam a pesquisa qualitativa: 1.a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, via de regra através de um intensivo trabalho de campo; - os dados coletados são predominantemente descritivos. Todos os dados da realidade são considerados importantes, incluindo-se as transcrições de entrevistas e de depoimentos, assim como outros tipos de documentos que comunicam informações valiosas para legitimar a investigação; - a preocupação com o processo é muito maior que com o produto. O interesse do pesquisador está em retratar como um determinado problema se manifesta nas atividades e nas interações cotidianas; - o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção do pesquisador. Nesses estudos há sempre uma tentativa em capturar a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas; - a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. Os estudos se consolidam basicamente de baixo para cima, por isso, é dispensável hipóteses antecipadas, mesmo assim, deve existir um quadro teórico que oriente a coleta e análise dos dados. A pesquisa qualitativa envolve a descrição de dados obtidos pelo pesquisador através do contato direto com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes diante dos fatos que envolvem o contexto social, visto que suas raízes têm origem na fenomenologia, metodologia que apresenta diferentes variáveis investigativas (1994, p.48).

Em razão do objeto, da natureza dos objetivos anunciados para o estudo foi necessário adentrar no contexto natural e real onde aconteciam as relações entre os sujeitos, as práticas linguísticas, obviamente o pesquisador precisou adotar uma postura científica pautada na observação, registro e diálogo com os sujeitos colaboradores da pesquisa.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Desta maneira, consideraremos as mulheres surdas como atrizes sociais, por estas frequentarem um espaço que por natureza, de caráter social (como a escola, Instituições, comunidades, igrejas, associações, feiras, farmácias etc.), este estudo/pesquisa teve a característica também social, pautada na abordagem qualitativa, que se configura como sendo um processo de reflexão e análise da realidade, pois, segundo Oliveira (2007, p. 60) a abordagem qualitativa

115

[...] tem como principal fundamento a crença de que existe uma relação dinâmica entre o mundo real, objetivo, concreto e o sujeito [...] em que o pesquisador deve ser alguém que tenta interpretar a realidade dentro de uma visão complexa, holística e sistêmica (OLIVEIRA, 2007, p.60).

Ainda neste escopo qualitativo, entendemos a pesquisa efetivada como de enfoque empírico, exploratório e descritivo coma abordagem e condução no âmbito dos estudos classificados como crítico-colaborativos, ancorando nossa argumentação nos trabalhos de: Longarezi e Silva (2013), Ibiapina (2008), Garrido (2000), Moura e Ferreira(2008) e Pimenta (2005) em que definem, distinguem e caracterizam as investigações de foco colaborativo. Para Cabral (2012) a pesquisa colaborativa pode ser compreendida e conceituada como:

[...] um processo de indagação e teorização das práticas profissionais dos educadores e das teorias que guiam suas práticas (ARNAL; DEL RINCÓN; LATORRE, 1992, p. 258), a pesquisa colaborativa ‘associa ao mesmo tempo atividades de produção do conhecimento e de desenvolvimento profissional’ (DESGAGNÉ, 1998, p. 7) e contribui para mudar qualitativamente a realidade da sua atividade docente, visto que, por meio dela, o pesquisador colaborativo, ao conceber a realidade estudada como seu objeto de investigação, além de aproximar a universidade da escola e a teoria da prática, constrói conhecimentos com base em contextos reais, descrevendo, explicando e intervindo nesta realidade, o que possibilita contribuir para transformar, de forma coerente e significativa, tal realidade, já que se instaura um processo produtivo de reflexão, de indagação e teorização das práticas profissionais dos educadores e das teorias que guiam suas práticas. Processo produzido com os professores, não apenas para os professores (p.37).



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Entendemos que o estudo efetivado se processou pelas trilhas da pesquisa colaborativa, pela própria essência da investigação, quando o planejamento e a condução das etapas da pesquisa se processaram pela “dialogicidade”, pela partilha, pela “colaboratividade” edificadas no percurso formativo do componente curricular Libras, envolvendo trinta e sete alunos graduandos, do Curso de Pedagogia, da Universidade do Estado da Bahia, *Campus XI*, que na ocasião cursavam o componente curricular Libras.

A atividade de pesquisa foi problematizada durante aulas presenciais. Durante o debate em torno da temática geradora do estudo: situação do povo surdo, o grupo majoritariamente levantou como objeto de estudo a situação das mulheres surdas, pois, em contatos prévios com as comunidades onde residem, ouvem depoimentos de situações vulnerabilidade a que a maioria das surdas estão submetidas. A partir de então, a proposta de estudo empírico, como ação partilhada é discutida em sala de aula, e colaborativamente, edificam-se roteiros de entrevistas direcionados e quinze mulheres surdas, atendidas por projetos socioeducativos, empenhados na difusão da Libras, tendo como foco a abordagem bilíngue. Além disso, o estudo pelo modelo colaborativo promoveu a aproximação dos graduandos da realidade vivenciada pelas instituições educativas que atuam no trabalho educativo de mulheres surdas enfocando aspectos teóricos e oportunizando a reflexão sobre as práticas e vivências. Nesta dimensão, afirmam Longarezi e Silva:

Assim constituída, compreende-se que um dos pilares da pesquisa colaborativa é a reflexão crítico-compartilhada que serve como base para a promoção de desenvolvimento profissional nos professores, pois permite aliar os conhecimentos teórico e prático, excluindo a suposta oposição existente entre eles. Nesse movimento, o pesquisador tem a função de estimular os sujeitos a expressarem suas opiniões e análises, pois se parte da compreensão de que, quando diferentes formas de pensar são concretizadas na discussão, inúmeras percepções e conhecimentos circulam no grupo, possibilitando a solução das problemáticas enfrentadas (2013, p.219).

Inspirados na perspectiva de fazer pesquisa com estudantes e educadores, universidade e escolas/instituições de atendimento educacional especializado, redigimos o plano de trabalho, entendendo-o como de caráter colaborativo, pois, a pesquisa foi discutida, elaborada e efetivada com um grupo de estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia, contextualizando as

CARDOSO, Jusceli Maria Oliveira de Carvalho; *et al.* Língua brasileira de sinais e o empoderamento de mulheres surdas no território do sisal.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

atividades da pesquisa no cenário do Território do Sisal baiano e no âmbito das discussões teórico-práticas do componente curricular Libras. No ano de 2015, efetivamos a pesquisa em três etapas: I etapa: Formação continuada dos estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia em termos da metodologia das pesquisas colaborativas e discussão de um plano de pesquisa colaborativo; II etapa: Diagnóstico e levantamento empírico de dados, levantando, sobretudo, a história de vida de mulheres surdas habitantes do território de identidade do Sisal e as principais Instituições sociais que atuam no território, no trabalho de educação e difusão da Língua Brasileira de Sinais, III Etapa: Grupo focal envolvendo alunos de Pedagogia e as quinze mulheres surdas selecionadas na etapa anterior e as quatro educadoras. Nesta etapa, podem-se efetivar as entrevistas as mulheres surdas e também as educadoras para coletar os dados.

Para investigar o problema do estudo foi preciso escolher uma amostragem específica, composta por 15 mulheres surdas, com idades diversas na faixa etária de 20 a 50 anos e que são atendidas por instituições que desenvolvem trabalho sócio pedagógico no sentido de atendimento educacional, no âmbito do ensino da Libras. Teve-se como critérios para formação do grupo de mulheres as seguintes condições: a) serem surdas, b) serem atendidas por Instituições e ensino/sociais que atuam na educação/difusão da Libras; c) terem idades entre 18-50 anos; d) residirem em cidades localizadas no Território do Sisal baiano.

Neste sentido, os alunos graduandos que compuseram o grupo de estudos, por residirem na região do Sisal, identificaram quatro instituições, localizadas no Território do Sisal que têm se destacado como o trabalho de inclusão escolar e social de pessoas surdas. Desenvolvemos então o estudo tais insto em instituições, (nomeadas neste texto de Y1, Y2, Y3, Y4). Obtivemos o contato com mais quatro colaboradoras do estudo: professoras que atuam no atendimento educacional especializado a surdos, (nomeadas neste estudo de: Z1, Z2, Z3 e Z4) que também nos forneceram informações importantes para compreensão dos objetos do estudo.

Inclusive, a partir das entrevistas feitas com as professoras Z1, Z3 e Z4, obtivemos dados que nos permitiram selecionar as quinze mulheres que compuseram a amostra a partir da qual se consolidou o estudo.

4.1 Sobre as quinze mulheres surdas



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Como o intento maior do estudo foi revelar as concepções das atrizes sociais surdas quanto a surdez e a deficiência bem como compreender o processo de empoderamento das surdas pelo aprendizado da Libras, cremos na pertinência de descrevermos, embora de modo, breve, o perfil destas quinze mulheres.

Salientamos que, por razões éticas não revelaremos nomes das Instituições e dos sujeitos colaboradores e participantes do estudo, mulheres surdas às quais serão identificados de X1 a X15. As instituições serão nomeadas como Y1, Y2, Y3 e Y4 e as professoras por Z1, Z2, Z3 e Z4.

Para isso, trouxemos os dados obtidos, catalogados e estruturados em formato de um quadro síntese, onde evidenciamos características gerais como: idade, grau de escolaridade, profissão/ocupação das mulheres com intuito de traçar um breve perfil das mulheres que colaboraram com o estudo efetivado.

Quadro 1 - Aproximação do perfil das entrevistadas

Identificação	Idade	Grau de escolaridade	Profissão/Ocupação
X1	19 anos	Este ano foi a escola regular/Começou frequentar o Centro de Atendimento em março de 2015 e lá estuda Libras.	Trabalha na feira com os pais
X2	27 anos	Estudou em uma escola pública. Evadiu ainda na primeira série.	Trabalha na roça/lavoura
X3	30 anos	Estudou em uma escola pública. Evadiu ainda na primeira série.	Doméstica
X4	23 anos	Estudou em uma escola pública. Evadiu ainda na primeira série.	Trabalha em supermercado do Bairro
X5	31 anos	Estudou em uma escola pública. Evadiu ainda na terceira série.	Trabalha a feira livre
X6	23 anos	Estudou em uma escola pública. Evadiu não lembrando até que série estudou.	Trabalha em um restaurante
X7	20 anos	Estuda na escola pública e frequenta uma instituição de difusão da Libras /Estuda Libras.	Trabalha num mercadinho.
X8	50 anos	Nunca foi a escola/Passou a frequentar e estuda Libras.	Artesã com fibra de sisal
X9	47 anos	Estudou o primário.	Artesã com fibras do sisal
X10	43 anos	Estudou primário.	Trabalha na roça; artesã
X11	25 anos	Estudou até a quarta série, mas evadiu.	Trabalha na roça e faz



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

			artesanato de sisal.
X12	19 anos	Estudou mas evadiu.	Trabalha num mercadinho
X13	18 anos	Estuda numa escola pública.	Estudante e frequenta uma instituição de difusão de Libras
X14	18 anos	Estuda na escola pública.	Estudante
X15	21 anos	Evadiu da escola.	Trabalha num mercado

Fonte: CARDOSO, Jusceli (org.). A Língua Brasileira de Sinais e o empoderamento de mulheres surdas no Território do Sisal baiano. Arquivos da pesquisadora, 2015.

Consideramos ser importante a elaboração do quadro supracitado, pois nos permite conhecer as colaboradoras do estudo, em alguns aspectos básicos tais como: idade, grau de escolaridade e ocupação. Estes elementos foram levantados mediante as entrevistas e nos auxiliam a ter uma visão, embora parcial, da realidade vivida pelas mulheres entrevistadas.

Quanto a isso a professora z4 nos alertou:

Ao conhecermos as histórias de vida destas mulheres, vamos perceber que a grande maioria evadiu da escola, logo nas séries iniciais por diversas razões: casamento, partos prematuros ente outros motivos, Mas a principal causa, da evasão escolar, estava relacionada à dificuldade de compreender o que o professor ensinava em razão do método usado ser predominantemente oralista o que, as deixavam de fora e com poucas chances de aprender (Colaboradora z4, 2015).

Segundo as professoras entrevistadas, que fazem o trabalho de Atendimento educacional especializado na área de surdez:

Creio pelo conhecimento que tenho, que todas as quinze mulheres, atualmente frequentam os centros, e os espaços onde recebem orientações diversas e aprendem Libras. Digo isso, porque nos comunicamos entre si. Eu e as colegas AEE das cidades vizinhas. Em face disso, acredito que a maioria das mulheres atendidas pelos projetos sociais e educativos nas Instituições, paulatinamente estão imersas em atividades econômicas, trabalhando na roça, no comércio ou mesmo com o fabrico de artesanatos da fibra do sisal (Colaboradora z1, 2015).



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

5 SOBRE OS DISPOSITIVOS E O PROCESSO DE COLETA DE DADOS

Para Marconi e Lakatos (2003) a escolha dos dispositivos para coleta de dados se constitui em “[...] etapa da pesquisa em que se inicia a aplicação dos instrumentos elaborados e das técnicas selecionadas, a fim de se efetuar a coleta dos dados previstos (p. 13)”. Comungando sobre o mesmo pensamento Severino (2007) aponta que:

As técnicas são os procedimentos operacionais que servem de mediação prática para a realização das pesquisas. Como tais, podem ser utilizadas em pesquisas conduzidas mediante diferentes metodologias e fundadas em diferentes epistemologias. Mas, obviamente, precisam ser compatíveis com os métodos adotados e com os paradigmas epistemológicos adotados (p.125).

Definimos então como técnicas para coleta dos dados: entrevista semiestruturada com gravação em vídeo (aqui tal dispositivo será importante devido a particularidade das colaboradoras da pesquisa serem surdas e se comunicarem em sinais), sendo para isso necessário depois o serviço de interpretação da Língua de Sinais para o Português.

O papel do intérprete durante as atividades de pesquisa foi importante, pois com a atuação do profissional pode-se efetivar a mediação comunicacional entre alunos graduandos, professoras e as mulheres surdas.

Houve uma instituição em que a própria professora (Z3) atuou como intérprete, pois, tem domínio da Libras o que facilitou a operacionalização das entrevistas.

Tratando de outro dispositivo importante na pesquisa, utilizamos como instrumento de coleta de dados a entrevista, tanto no formato individual quanto grupal, no caso constituindo-se o chamado grupo de foco, ou grupo focal. A entrevista por ser entendida como uma interação entre pesquisador e pesquisado, com o intuito de registrar todas as informações por meio de um diálogo que flui entre o entrevistado e o entrevistador. Severino (2007) configura a entrevista como o momento em que “[...] o pesquisador visa aprender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam” (p.16).

Assim, em consonância com as ideias de Ludke e André (1986, p. 33), optamos pela utilização da entrevista, pois, “[...] a entrevista representa um dos instrumentos básicos para a

CARDOSO, Juscely Maria Oliveira de Carvalho; *et al.* Língua brasileira de sinais e o empoderamento de mulheres surdas no território do sisal.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

coleta de dados” essencial para a aproximação entre pesquisador e colaboradores, pois permite uma interação maior entre os entrevistados e o entrevistador num processo de “entre vistas”.

Ainda, segundo Ludke e André (1986, p.34): “[...] É importante atentar para o caráter da interação que permeia a entrevista, sendo que, na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca, entre quem pergunta e que responde”.

Então, além de possibilitar o momento de troca fecunda através do diálogo, a entrevista como técnica de coleta de abordagem qualitativa foi escolhida por permitir aos pesquisadores a imersão direta nas realidades e vivências dos entrevistados, num fluir de informações que muito revela sobre a história de vida do entrevistado e suas conexões com o objeto investigado. Constitui-se a entrevista num momento e num movimento fecundo, onde as descobertas irão fluir de modo natural, na interação, na “**entre-vista**”, envolvendo os sujeitos (pesquisadores e colaboradores) numa atmosfera natural, dialógica e muito fértil para os estudos de abordagem qualitativa.

121

6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A coleta de dados oportunizou aos pesquisadores uma aproximação mais apurada sobre a realidade vivenciada pelas mulheres surdas, tendo suas histórias contextualizadas no Polo do Sisal. A partir do contato ampliado com as mulheres surdas, percebendo-se suas idiossincrasias, suas histórias de vida, suas trajetórias educativas, suas histórias de exclusão e de resiliência, os alunos graduandos puderam tecer relações e refletir sobre seus próprios percursos formativos, no Curso de Pedagogia, sobretudo sobre os conhecimentos teóricos e práticos elucidados no componente curricular Libras. Para Longarezi e Silva (2013)

A pesquisa colaborativa está balizada em princípios da pesquisa-ação emancipatória. Consequentemente, ela apresenta algumas características consentâneas a essa outra metodologia. Porém, a pesquisa colaborativa possui determinadas particularidades e distinções que a tornam singular. Uma delas é considerar o contexto investigado como uma totalidade, não se prendendo apenas a questões pertinentes aos sujeitos envolvidos, mas considerando, no caso da formação de professores, também os contextos escolar e social. Assim sendo, se preocupa com a compreensão idiossincrática dos sujeitos e das

CARDOSO, Jusceli Maria Oliveira de Carvalho; *et al.* Língua brasileira de sinais e o empoderamento de mulheres surdas no território do sisal.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

situações investigadas, daí a importância de se contemplar os professores, a escola e o seu contexto nas investigações (p.218).

O exercício analítico do material coletado nas entrevistas se constituiu num profícuo tempo de aprendizagens acadêmicas, evidenciando-se que a pesquisa, sobretudo as de enfoque colaborativo, faz parte do processo formativo e acadêmico dos graduandos e do pesquisador.

A partir das entrevistas feitas com o grupo de mulheres surdas, decidimos pelo espaço de voz a estas mulheres, que, em muitas ocasiões de suas vidas foram silenciadas, abandonadas, esquecidas, violentadas em seus direitos. Sendo assim, por razões éticas, deliberamos, aqui, nesta análise trazer trechos genuínos das falas destas mulheres, a fim de aproximar o leitor cada vez mais da realidade vivida pelas surdas do Território do Sisal. Assim, ao longo das entrevistas e ao final do processo de coleta, pudemos perceber e analisar algumas falas as quais transcreveremos a seguir. Para efeito didático, organizamos esta análise em dois blocos:

122

6.1 Sobre surdez/deficiência

Em linhas gerais, a sociedade tende a construir um discurso de que ser surdo é ser limitado, pois se tem eliminada ou mesmo bloqueada a capacidade de ouvir e de interagir pela palavra oral. O que gera, ao longo dos anos, várias visões e posições equivocadas e desfavoráveis em relação ao sujeito surdo.

Segundo Salles:

Os ouvintes são acometidos pela crença de que ser ouvinte é melhor que ser surdo, pois, na ótica ouvinte, ser surdo é o resultado da perda de uma habilidade disponível para a maioria dos seres humanos. No entanto, essa parece ser uma questão de mero ponto de vista (2004, p.36).

Analisando várias passagens históricas e mesmo na literatura pertinente ao tema, veremos que várias posições e atitudes equivocadas em relação ao ser surdo, foram sendo desenhadas ao

CARDOSO, Jusceli Maria Oliveira de Carvalho; *et al.* Língua brasileira de sinais e o empoderamento de mulheres surdas no território do sisal.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

longo da própria história. De condutas rechaço, exclusão e mesmo de confusão do surdo como ser “deficiente” foram edificadas em nome de uma sociedade conduzida pelo padrão do “normal e do patológico”.

Estas visões se perpetuaram ao longo dos anos e se refletem na própria identidade surda, como anunciam as atrizes sociais surdas, entrevistadas:

GOSTAR MUITO DE SER SURD@. NÃO SER COITADA (Colaboradora X1, 2015).¹

Já a senhora X2 nos surpreende quando afirmou:

SURD@ SER NORMAL. SURD@ FALAR, COMER, ANDAR, VIVER...TRABALHAR. SURD@ NÃO OUVIR SO ISSO! (Colaboradora X2, 2015).

A fala da senhora X2 tem ressonância nas palavras de Pimenta: “A surdez deve ser reconhecida como apenas mais um aspecto das infinitas possibilidades da diversidade humana. Pois ser surdo não ‘É melhor ou pior do que ser ouvinte, é apenas diferente [...]’”. (PIMENTA, 2001, p.24)

SURD@ SER PESSOA. SURD@ NORMAL...NÃO SER COITADO. SER TRABALHADOR@, VIVER... TRABALHAR [...] (Colaboradora X2, 2015).

Notamos nas falas das duas mulheres uma visão mais aprofundada quanto a condição da surdez como fenômeno cultural distintivo de um grupo humano. Percebemos que estas mulheres,

¹ Neste estudo optamos por utilizar o padrão de transcrição da Libras para a Língua Portuguesa escrita seguindo as normas de CAPOVILLA, Fernando. Que nos instrui a fazer a transcrição da Libras para o Português escrito, sempre adotando a notação em caixa alta como forma de manter a fidedignidade dos depoimentos coletados, visto que os sujeitos colaboradores deste estudo são surdos e usuários da Língua Brasileira de Sinais.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

já construíram a chamada identidade surda, num processo de compreensão da diversidade humana e se percebem como de identidade singular pelo fato de possuírem um outro modelo de comunicação, distinto do oral.

Como afirmou a colaboradora X11:

SER SURD@ SER DIFERENTE. DEFICIENTE NÃO! SURD@ OUVIR NÃO! SURD@ PODER FAZER TUDO (risos)!! (Colaboradora X11, 2015).

124

Ou seja, a visão de que a mulher surda não é deficiente, mas que possui apenas um traço cultural singular, caracterizado pela comunicação visual tem se constituído como uma forma de reconhecimento da identidade surda, não mais como um coitado, ou mesmo com o traço da “menosvalia”. Refletindo um pouco mais sobre o processo de construção “identitário” da mulher surda poderemos entender que a partir das relações que elas estabelecem no/com o mundo, criam-se significações, e, como seres sociais experimentam esta condição propiciam-lhe particularizar as coisas coletivas. Tais significações, aliadas aos seus atos, formam o ser surdo na sua totalidade.

Sobre a utilização da expressão cultura surda, Strobel (2008), afirma que:

É o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das almas das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo (p. 24).

Quanto às significações constituídas pelas mulheres surdas, no/com o convívio social, elas revelam os fatos históricos, e, com isso, traduzem a história vivenciada no passado, as perspectivas futuras e também o dia-a-dia, de vivências, de exclusões/inclusões de lutas e edificações de suas identidades de mulher e de surda.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

É por intermédio destas questões que podemos entender a identidade como uma construção feita através de conflitos e contradições, sendo a todo o momento, reinventada pelas pessoas.

Para Rosa e Bento a questão da construção da identidade surda precisa ser refletida a partir de alguns questionamentos:

Identidade. Quem sou eu? A quem sou igual? A quem sou diferente? Descoberta de si, do outro e do mundo que o rodeia; descoberta de valores, cultura dessemelhança; percepção do que se *é* e do que pode *vira ser*. Identidade surda. Eu? Surdo? Como? Identidade surda é o como o ar que sacode as folhas das árvores. É o ar que os surdos respiram, inspiram, transpiram... [...] (2010, p. 11).

Ainda de acordo com Rosa e Bento (2010, p. 34): “[...] A identidade surda é uma luta instável e nunca será fixa. Os surdos viveram muito tempo sem serem capazes de se mostrar, de mostrar sua língua e cultura.” Não possuíam direitos como sujeitos de uma sociedade. “Por isso, ser surdo é uma identidade que se aprende em grupo e só pode ser aprendida no grupo dos surdos” (PERLIN, 2005, p. 25).

Assim, não podemos olvidar que é preciso a reestruturação de uma nova concepção de se olhar os processos educativos e inclusivos de mulheres surdas com um novo significado, compreendendo-os como um lugar de vida, de trabalho, cultura e identidade; um lugar de construção de novas possibilidades, de aprendizagens e desenvolvimento humano.

Por isso é que as identidades das pessoas surdas, e neste estudo, as mulheres não ouvintes, precisam ser reconhecidas, considerando os aspectos socioculturais, na perspectiva de pertencimento dos diversos espaços sociais em que habitam. As mulheres entrevistadas, em sua maioria, participantes de projetos educacionais, constituem as suas identidades com o sentido do poder fazer tudo, do querer e do aprender a ser e a viver no mundo. Como anuncia a senhora X11:

MULHER SER MULHER TODO LUGAR! MULHER PRECISAR LUTAR. LUTAR... LUTAR MULHER PODER FAZER TUDO QUE QUERER. TER MEDO? NÃO! LUTAR DIA. LUTAR NOITE. MUDAR DE VIDA (Colaboradora X11, 2015).



Por fim, podemos identificar nas falas das entrevistadas os ideais de luta e de resistência das mulheres, não se percebendo como coitadas ou como impossibilitadas. Ao contrário, notamos em seus depoimentos de vida, a força e a vontade de crescer, aprender e desenvolver... Mudar de vida, como disse X11.

6.2 Aprendizado da libras e empoderamento

O povo surdo (aqui considerados como grupo social, organizados política, social e culturalmente) se constitui no agrupamento de atores/atrizes sociais que se distinguem, pois usam a visão e as mãos como meios importantíssimos para sua aprendizagem.

Se não estivermos atentos à sua comunicação, não entenderemos o que eles querem dizer. Citando Costa (2006, p. 233) ela aponta que “[...] os surdos, seres privados da audição, que desenvolverão capacidades visuais e espaço-temporais, na interação com instrumentos diversos, tendo a Língua de Sinais um papel preponderante nesse processo”. Segundo o pensamento de Costa (2006, p.233) o “defeito” se transforma numa mola propulsora, num estímulo para superação das dificuldades, através da constituição da linguagem visual, corporal, facial e da Libras, o surdo experimenta a interação social e a possibilidade de aprender e desenvolver-se integralmente.

A Língua Brasileira de Sinais é considerada por muitos estudiosos da área dos estudos surdos como Perlin (2005), Skliar (2013), Rosa e Bento (2010), Karnop (2005), Quadros (1997), Strobel (2006) dentre outros, como veículo capaz de construir e consolidar a chamada cultura surda, que veicula particularmente o modo de ser/viver dos surdos, mediante as interações que efetiva pela Língua de sinais. Deste modo, para os estudiosos da “cultura surda” há uma inegável relação entre a adoção da Libras e politização dos surdos, inclusive porque o uso da Libras favorece as interações entre surdos, fortalece os vínculos e o sentido de pertencimento ao grupo surdo, no que se constitui na chamada identidade surda.

Quanto às relações entre os benefícios de aprender Libras para as mulheres surdas entrevistadas, verificamos que unanimemente, estas mulheres demonstraram se sentirem com poder de agir sobre suas vidas, de se moverem, de lutarem a partir da assunção da Libras como



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

língua de comunicação e expressão das suas vontades, de seus pensamentos. Muitas relacionam diretamente a mudança de vida, de hábitos e perspectivas em decorrência do contato e aprendizado da Língua, numa clara demonstração de que a língua é uma construção social e como tal, dota os seus usuários de poder.

A senhora X7 nos relatou:

TER (PASSADO) MUITO MEDO SAIR. VIVER (PASSADO) FECHADA CASA MINHA. VERGONHA OUVIR NÃO. AGORA, APRENDER LIBRAS. MUITO BOM. FAZERTUDO SOZINHA HOJE (Colaboradora X7, 2015).

Neste depoimento, percebemos a interface entre aprendizado da Libras e o sentimento de poder, antes negado a esta senhora pela condição social de surdez. Ou seja, para muitas mulheres, ainda, ser surda é condição de “silenciamento” e de confinamento, pois, incutiram por muito tempo, a estas mulheres a ideia de que seriam incapazes de atos simples como ir ao mercado, comprar algo. Em muitas situações, as mulheres surdas, eram obrigadas a exercer o trabalho na roça, ou outros ofícios pesados por não crerem que poderiam sequer aprender trabalhos mais elaborados.

ANTES, DIZER QUE EU LOUCA. FICAR CASA, TRABALHAR...TRABALHAR.IR CENTRO.LA CENTRO PROFESSORA ENSINAR LIBRAS E COISAS MUITO (Colaboradora X13, 2015).

A Libras é asseverada pela Lei n.10.436, conhecida como Lei de Libras, em seu Art. 1º a reconhece como meio legal de comunicação e expressão. Tem ganhado espaço na sociedade contemporânea, visto que é crescente a luta em prol dos direitos pelos povos surdos, que sofrem opressão do corpo social. É uma língua assegurada pela Lei n. 10.436 como instrumento de comunicação e expressão, assim como sua oferta no currículo da disciplina Libras nos cursos de fonoaudiologia e formação de professores, visando o acesso à escola dos alunos surdos, para tantas medidas precisam ser implantadas, nas salas de aula o interprete/tradutor de Libras se fará presente, com uma efetiva organização da organização bilíngue no ensino regular.

CARDOSO, Jusceli Maria Oliveira de Carvalho; *et al.* Língua brasileira de sinais e o empoderamento de mulheres surdas no território do sisal.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Ao ouvir as entrevistadas, pode-se perceber que todas as quinze mulheres estão inseridas nas redes de atendimento educativo, através de serviços efetivados por Organizações não governamentais e mesmo por Centros de atendimento pedagógico, o que tem contribuído para a mudança na condição social destas cidadãs, uma vez que, paulatinamente, elas próprias passam a se perceber como pessoas que podem exercer seus direitos e inclusive podem aprender e desenvolver-se em todos os aspectos.

Ainda trazendo falas de colaboradoras, destaca-se o depoimento de X5:

HOJE, TRABALHAR SUPERMERCADO. MANHA, TARDE. GANHAR DINHEIRO. HOJE ESTUDO CENTRO. PROFESSORA MUITO IMPORTANTE VIDA. MEU PROFESSOR@ ENSINAR PODER LIVRE. PODER RESPEITO (Colaboradora X5, 2015).

Mediante o depoimento da colaboradora, evidencia-se os impactos positivos do aprendizado na Libras na vida das mulheres, sobretudo pelas possibilidades de amplitude de novas aprendizagens mediadas pela linguagem, que as insere no mundo social. Neste sentido, a fala da colaboradora nos mostra nitidamente a relação direta entre Linguagem, língua e as formas potenciais das interações sociais que se edificam mediante o domínio e uso social de uma língua. Por meio da aprendizagem da Libras, percebemos que as mulheres surdas se percebem como atrizes sociais, autoras das suas vidas e de suas existências. Logo, percebemos o quão importante para mulheres surdas é o aprendizado de uma Língua, como a Libras que as desperta e as mobiliza para o mundo social.

7 CONCLUSÃO

Com o estudo efetivado, verificou-se, em especial, a situação em que a maioria das mulheres surdas se encontra: Em grande maioria “invisibilizadas” e silenciadas socialmente, sobretudo pelos vários casos de abusos e maus tratos a que são submetidas em razão da condição de serem mulheres e acima de tudo, pela situação de não ouvintes.

CARDOSO, Jusceli Maria Oliveira de Carvalho; *et al.* Língua brasileira de sinais e o empoderamento de mulheres surdas no território do sisal.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Em termos gerais, o estudo feito revelou que a maioria das mulheres surdas, nos contextos das escolas, instituições públicas e mesmo no mercado de trabalho sofrem discriminação, são barradas em seus direitos, ficando relegadas ao silêncio e ao esquecimento, pois muitas sequer conheciam os direitos a elas direcionados pelas políticas públicas de acessibilidade e de atenção em espaços escolares.

O que se registrou no abandono da escola, como muitas nos revelaram, por motivo quase sempre comum a todos: Preconceito e não se sentirem incluídas. Algumas das entrevistadas revelaram que sentiam medo, vergonha e mal estar quando iam a escola e na maioria das vezes eram ridicularizadas e confundidas com loucas. Quando não eram esquecidas no silêncio dos excluídos.

Como ação consequente da evasão escolar, tem-se configurado um quadro de subemprego do mercado de trabalho informal. Muitas destas mulheres estavam colocadas em situações de exploração trabalhistas, com longas jornadas de trabalho, efetuando o mesmo ofício feito pelos colegas homens, porém recebendo remuneração bem inferior. A condição feminina acabava por agir como coadjuvante no processo de exclusão a que se encontravam esquecidas, caldas, silenciadas.

Em algumas das entrevistas, com auxílio do intérprete de Libras, tomou-se contato com várias histórias de vida, narrativas onde falavam das situações específicas de abusos e preconceitos de diversas ordens, sofridos por mulheres que, na maioria das vezes, eram violentadas em seus direitos.

Muitas narraram sobre preconceito vivido inclusive no seio familiar, onde, em muitos casos, eram chamadas de loucas, doidas, agressivas e malucas, numa clara aceção ao fato da confusão, que muitos ouvintes comentem em termos do surdo. Neste contexto, afloraram as concepções que as mulheres surdas têm sobre a condição e não ouvintes.

Para a maioria das entrevistadas, a concepção de surdez que prevalecia estava atrelada à ideia da deficiência e do defeito. Visão esta perpetuada socialmente e veiculada pela concepção corretiva, ortopédica da deficiência.

Entretanto, foi perceptível a mudança para muitas das entrevistadas, em relação a suas concepções quanto a surdez, quando começaram o processo de aquisição da Libras, língua que possibilitou a estas mulheres, a comunicação e mesmo a construção da identidade surda.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Entretanto, interagindo com o grupo de quinze mulheres surdas, que iniciaram estudos no campo da Libras, percebemos que muitas questões começam a ser quebradas, dando lugar a um perfil de mulher ativa e ademais, cremos que este estudo revelou dados importantes sobre as trajetórias das mulheres em termos de suas lutas, na luta pela convivência em um mundo tão desigual, sobretudo para aquelas que, pela condição de não ouvintes, experimentam situações de vulnerabilidade e exclusão.

O estudo demonstrou, mesmo de que de modo ainda inicial, que a aprendizagem da Libras, como língua de comunicação entre surdos, ou mesmo, entre surdos e ouvintes, é uma possibilidade real que assegura a mulher surda, condições de interagir socialmente, e edificar sua história, sua identidade e o direito de ser mulher, de ser diferente. O direito de ter uma identidade surda, construída e respeitada.

Deste modo, a aquisição da Libras se constitui em possibilidade para o processo de empoderamento feminino, uma vez que, dominando a língua, as mulheres surdas têm condições de acessar a cultura, e os conhecimentos circulados na sociedade. O que, de fato, quebra as fronteiras da exclusão e abre janelas para a participação/interação social.

Cremos que este estudo possa contribuir com o poder público no fomento e geração de políticas destinadas às mulheres surdas e as pessoas com necessidades educativas especiais uma vez que traz depoimentos, falas fiéis de atrizes sociais que, por meio da aprendizagem da Libras, se posicionaram e mostraram que a surdez não é condição de menos valia. Ao contrário, é um traço distintivo de uma cultura onde as pessoas, têm de fato uma deficiência, mas que podem ser eficientes, produtivas e cidadãs.

Enfim, pensamos que o exercício hermenêutico de leitura compreensivo-interpretativa da realidade e a escuta sensível das mulheres surdas, trará efetivamente contribuições no âmbito da geração de estratégias de empoderamento feminino mediante a edificação de trabalhos que busquem além da educação a construção da cidadania dos sujeitos, em especial das muitas mulheres que se acham em condições de desigualdade e silenciadas pela ignorância e pela falta de dispositivos de comunicação e interação social.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

REFERÊNCIAS

ALBERTO Alberto Enriquez; RODRIGUEZ, Marcos. Metodologias e ferramentas para implementar estratégias de empoderamento. In: ROMANO, Jorge O; ANTUNES, Marta. **Empoderamento e direitos no combate à pobreza**. Rio de Janeiro: Actionaid Brasil, 2002. p. 45-66. Glauze Arzua. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/12792957/empoderamento-e-direitos-no-combate-a-pobreza-actionaid-brasil>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

BRASIL. Decreto-lei nº 5.626, de dezembro de 2005. **Diário oficial [da] república federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 2005. p. 28

BRASIL. Decreto-lei nº 10.436, de 24 de dezembro de 2005. **Diário oficial [da] república federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 de abr. 2002. p. 23

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. Características da investigação qualitativa. In: _____. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto Cordex, Portugal. Porto Editora, 1994. v. 12, p. 47- 51 (Coleção Ciências da Educação).

CABRAL, MarluCIA Barros Lopes. Formação docente e pesquisa colaborativa: orientações teóricas e reflexões práticas. In: VIII SEMINÁRIO REGIONAL DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO DO NORDESTE, 8., 2012, Recife, PE. **Anais...** Recife: Biblioteca Anpae, 2012. v. 13, p. 1 - 8. CD-ROM.

CARVALHO, Maria da Glória; FERREIRA, Adir Luiz. **A pesquisa colaborativa e a formação continuada do professor de educação de jovens e adultos: uma reflexão necessária**. 2004. Disponível em: <http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2004/GT.1/GT1_3_2004.pdf> Acesso em: 17 mar. 2016.

FRIEDMAN, Jonh. **Empowerment: uma política de desenvolvimento alternativo**. [SI]. Celta Editora, 1996. 197 p.

GARRIDO, Elsa; MOURA, Manoel Oriosvaldo; PIMENTA, Selma Garrido. A pesquisa colaborativa na escola como abordagem facilitadora para o desenvolvimento da profissão do professor. In: MARIN, Alda Junqueira (Org.). **Educação continuada: reflexões alternativas**. Campinas: Papirus, 2000. p. 89-112.

GESSER, Audrei. **Libras, que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009. 88 p.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos**. Brasília, DF: Líber Livro, 2008. v. 17, 136 p. (Série Pesquisa).

KOJIMA, Catarina Kiguti; SEGALA, Sueli Ramalho. **Língua brasileira de sinais: a imagem do pensamento**. São Paulo, SP: Escala, 2008. v. 1, 110 p.

CARDOSO, Jusceli Maria Oliveira de Carvalho; *et al.* Língua brasileira de sinais e o empoderamento de mulheres surdas no território do sisal.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

LISBOA, Teresa Kleba. **O empoderamento como estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais.** In: https://pactoglobalcreapr.files.wordpress.com/2012/02/6-empoderamento-teresa_kleba_lisboa_11.pdf, Florianópolis, 2008.<<acesso em 20/06/2016>>.

LONGAREZI, Andrea M.; SILVA, Jorge Luiz da. Pesquisa-formação: um olhar para sua constituição conceitual e política. **Revista Contrapontos**, [s.l.], v. 13, n. 3, p.214-225, 19 dez. 2013. Editora UNIVALI. <http://dx.doi.org/10.14210/contrapontos.v13n3.p214-225>. Disponível em: <<http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/4390>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** Rio de Janeiro, RJ: EPU, 1986. 128 p.

MACEDO, Roberto Sidney. **Etnopesquisa crítica: etnopesquisa-formação.** Brasília, DF: Liber Livro, 2007. v. 15, 180 p. (Série Pesquisa).

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Ciência e conhecimento científico. In: _____. **Fundamentos de metodologia científica.** 5.ed. São Paulo, SP: Atlas, 2003. p. 75-81.

MARTINS, João Carlos. **Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo.** 1996. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p111-122_c.pdf>. Acesso em: 26 maio 2015.

MORIN, Edgar. A ideia de progresso do conhecimento. In: _____. **Ciência com consciência.** Tradução: Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 8. ed. rev. e modificada pelo autor. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2000. p. 95-105.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. 128 p.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 184 p.

PERLIN, Gladis. T. T. Identidades Surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 2005.

ROSA, Emiliana Faria; BENTO, Nanci Araújo. **Libras licenciatura em EAD.** Salvador, BA: Editora da UNEB, 2010. 56 p.

SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima. **Linguagem, cognição e subjetividade: pesquisa lingüística.** Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2001.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. rev. e atual. São Paulo, SP: Cortez, 2007. 160 p.

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2013. 148p.

CARDOSO, Jusceli Maria Oliveira de Carvalho; *et al.* Língua brasileira de sinais e o empoderamento de mulheres surdas no território do sisal.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

_____. A visão história da in(ex)clusão dos surdos nas escolas. Campinas: Educação **Temática Digital**, v. 7, n. 2, 10 jun. 2006. Quadrimestral. 2006. Disponível em: <<http://ojs.fe.unicamp.br/ged/index.php/etd/article/viewArticle/1645>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

STROBEL. Karin Lilian; FERNANDES, Sueli. **Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais**. Secretaria de Estado de Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

VIGOTSKI, Lev Semiónovich. **Obras completas**: fundamentos da defectologia. Tomo V. Tradução de Maria del Carmen Ponce Fernández. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1989, p. 74-87